

REFLEXÕES SOBRE O ADÁGIO ERASMISTA “DVLCE BELLVM INEXPERTIS”*

Artur Anselmo

De todos os *Adágios* de Erasmo (e escreveu sobre mais de quatro milhares), o comentário ao provérbio *Dulce bellum inexpertis* – ou “Adágio 3001” – é, sem dúvida, um dos mais conhecidos e mais actuais. Aparece pela primeira vez, em estado embrionário, na edição de 1508 e surge depois, muito aumentado e refundido, nas edições impressas por Froben, em Basileia, em 1515, 1523 e 1526.

O tema, particularmente grato ao espírito irenista de Erasmo, seduzia-o desde que, ao aproximar-se dos 40 anos, empreendera a sonhada viagem a Itália. Aqui, entre 1506 e 1509, assistira à entrada triunfal das tropas do papa Júlio II em Bolonha, facto que o levaria a compor o *Antipolemus* (texto infelizmente perdido), bem como o *Iulius Exclusus*, panfleto que alguns autores também lhe atribuem e no qual o papa guerreiro é excluído sumariamente da entrada na corte celestial. À mesma linha ideológica do Adágio 3001 pertence ainda a *Querela* ou *Querimonia Pacis*, editada em 1517, pranto em louvor do pacifismo pontifício e da evangelização dos povos paganizados.

Comemoram-se este ano cinco séculos sobre a data em que Juliano della Rovere, o belicoso papa Júlio II, abriu o seu atribulado pontificado: de facto, foi no dia 31 de Outubro de 1503 que se iniciaram dez longos anos de agitação, com o objectivo de tornar os Estados da Igreja a potência dominante da cristandade. Todo o pontificado de Júlio II é uma sucessão de guerras militares e diplomáticas, a que só a morte do papa, em 1513, começa a pôr termo. As esperanças de paz voltam-se agora para o novo pontífice, Leão X, e Erasmo, por seu lado, jamais deixará de fazer tudo o que lhe parece

* Servimo-nos da edição do *Dulce bellum inexpertis* publicada por Yvonne Rémy e René Dunil-Marquebreucq na colecção «Latomus», vol. VIII (Berchem-Bruxelles, 1953).

oportuno para levar o sucessor de Júlio II a adoptar uma política conciliatória com os Estados cristãos.

Diz-se que, tendo de posar para o escultor encarregado de eternizar a sua figura de papa-imperador numa estátua em Bolonha, Júlio II teria dito ao artista: “Nada de livros na mão, porque não sou humanista; põe-me antes uma espada na mão.” Erasmo detesta e censura o papa cesáreo, “muitíssimo digno do seu nome Júlio”. Entende que o pontífice prejudica as letras e toda a vida espiritual com as absurdas lutas intestinas na Itália. E desabafa:

Vim para Itália estudar grego, mas a guerra é devastadora. O papa prepara uma expedição contra os venezianos. Entretanto, não se estuda nas universidades, porque não há aulas.

É neste ambiente tumultuoso que, ao longo de treze meses, Erasmo se consagra à revisão dessa verdadeira enciclopédia da Cultura Clássica que constituem os *Adágios*. Depois, dirige-se para Veneza, onde ainda não soam as trombetas da guerra movida por um papa indomável. Acolhem-no os braços fraternos de Aldo Manúcio, que em 1508 imprimirá o *Adagiorum pinceps*, no qual o futuro adágio 3001 aparece pela primeira vez, com escassas cinco linhas.

A ideia que “a guerra só é doce para aqueles que a não fizeram” (ou “não a conheceram”) é um *topos* clássico. Surge num fragmento de Píndaro (o n.º 110 da colectânea de Teubner), no qual o autor das *Olimpicas*, cuja vida decorre na transição do século VI para o século V a.C., acrescenta ao provérbio estas palavras: “... Mas quem conhece a guerra sente, logo que dela se aproxima, um horror extremo”. Cerca de mil anos depois, o historiador latino Vegécio (que viveu nos fins do século IV e princípios do século V, isto é, no auge da decadência do Império Romano do Ocidente) afirma na sua obra *De re militari*: “Não confies demasiado no jovem soldado que deseja bater-se, porque o combate só é doce para aqueles que não sabem o que isso seja” (ed. Plantiniana, Leide, 1608, liv. III, cap. XII, p. 64).

No seu comentário, Erasmo começa por lembrar que a juventude está muito mais predisposta a aceitar o desconhecido do que os homens maduros, aos quais a experiência ensinou a desconfiar de tudo quanto é incerto: citando a *Retórica* de Aristóteles, lembra que a experiência das acções que comportam perigos e desgraças faz nascer o medo e a hesitação. Ora – continua Erasmo – se há negócios humanos de que importa fugir, o pior de todos é a guerra: nada de mais ímpio, de mais calamitoso e indigno do homem e, por maioria de razões, do cristão. Sem poupar ninguém – pagãos e cristãos, laicos e padres, bispos e príncipes, novos e velhos, as multidões tolas, os jurisconsultos e os teólogos –, Erasmo espanta-se da facilidade com que, no seu tempo, por toda a parte, se fazem guerras abomináveis:

Que flagelo, que calamidade, que Fúria fez penetrar pela primeira vez no espírito do homem a necessidade, até então somente animal, capaz de levar este ser pacífico criado para a paz e a benevolência – o único que a natureza gerou para a salvação de todos –, a deixar-se tomar por uma loucura tão bestial e por violências tão delirantes que o conduzem ao massacre geral?

Depois de lembrar que o Homem, ao contrário dos outros animais, é o único ser da criação que não foi feito para a violência, Erasmo, na melhor linha de princípios humanistas, afirma que Deus pôs o homem neste mundo como uma réplica d’Ele próprio, para que, como divindade terrestre, por assim dizer, vele pela salvação de todos:

Proinde Deus in hoc mundo uelut simulacrum quoddam sui constituit hominem, ut ceu terrenum quoddam numen saluti prospiceret omnium.

Vale a pena, talvez, fazer aqui um parêntesis para acentuar como está errada a visão de um antropocentrismo sem Deus, que vemos a cada passo repetida nos compêndios escolares a propósito do Renascimento e do Humanismo. De facto, os textos de Erasmo, o maior de todos os humanistas, mostram-nos constantemente, como sucede no passo citado, que não há qualquer oposição radical entre os conceitos de Antropocentrismo e Teocentrismo, mas tão-somente, da parte dos humanistas, um novo modo de encarar o homem como criatura de Deus. E se Deus é bondade, não haveria Ele de pôr no homem o melhor de Si próprio, a ponto de o mesmo homem poder vir a ser como Deus?

Ao contrário dos animais, que apenas lutam contra animais de espécie diferente, os seres humanos batem-se contra outros seres humanos. “Estamos constantemente em guerra” – sublinha Erasmo:

Nação contra nação, reino contra reino, cidade contra cidade, príncipe contra príncipe, povo contra povo, e – coisa que os próprios pagãos consideram ímpia – aliado contra aliado, parente contra parente, irmão contra irmão, filho contra pai; enfim – mais atroz ainda – há cristãos que fazem a guerra a outros cristãos.

Pior: invoca-se o nome de Deus para que abençoe a guerra. Esta é glorificada em discursos de frades, de teólogos, de bispos, e todos estes padres não hesitam em associar o nome de Cristo a uma empresa tão diabólica: exércitos cristãos levam para a guerra o símbolo sagrado da cruz, fazendo de Cristo o espectador que abençoa este sacrilégio:

Porquê levar Cristo para a guerra, se estaria melhor em qualquer outra parte, nem que fosse num lupanar? O apóstolo Paulo indigna-se que haja processos

entre cristãos, que eles se desentendam e recorram a um juiz; mas que diria ele se nos visse a combater por toda a terra, pelos motivos mais fúteis, com mais selvageria do que os pagãos, mais crueldade que os bárbaros? Pior ainda: que diria ele se visse que os instigadores e exortadores da guerra são precisamente os representantes do Papa, do Papa que deveria ser o grande pacificador e cuja saudação ao povo é um voto de paz?

O veredicto de Erasmo parece claro: é uma loucura recorrer às armas da guerra, que causam tanto tumulto, tantas penas, tantas despesas, tantas calamidades, sendo certo que se pode adquirir a concórdia com muito menos riscos e perdas. Haverá coisa melhor do que a amizade? Nada, claro está. Ora, que outra coisa é a paz senão uma amizade entre muitos homens?

Já se escreveu (penso, concretamente, em Thomas Quoniam, o mestre bordalês dos estudos erasmianos, autor de uma obra publicada em 1934) que Erasmo fazia assentar o seu pacifismo irrepreensível na defesa das *humaniores litterae*, uma vez que estas só florescem em tempo de paz. Nenhuma dúvida a tal respeito. Basta ler um passo do Adágio 3001 para verificarmos que assim é:

Em tempo de paz – proclama Erasmo – tudo se passa como se uma primavera maravilhosa brilhasse sobre os bens sociais: os campos são cultivados, os jardins verdejam, os rebanhos pastam, constroem-se casas, as cidades cobrem-se de novos edifícios, restauram-se as mansões arruinadas, ampliam-se umas e embelezam-se outras, as fortunas crescem, os prazeres saciam-se, as leis mantêm todo o seu vigor, o civismo floresce, o zelo religioso aumenta, a justiça prevalece, a humanidade ganha vigor, as artes manuais brilham, os pobres encontram mais trabalho, a opulência torna-se esplêndida, os estudos desenvolvem-se, a juventude forma-se, os velhos gozam de uma reforma pacífica, as raparigas casam-se sob bons auspícios, os audazes prosperam, os malvados causam menos estragos.

Em contrapartida, quando a guerra se desencadeia, tudo se enche de pavor, de luto, de queixas, de lamentos, e, naturalmente, não há mais lugar para os estudos.

Sem referir o nome de Júlio II, é óbvio que Erasmo pensa no pontífice-imperador-guerreiro quando alude aos papas que fizeram guerras e as aprovaram. Trata-se, felizmente, de exceções. Convém não esquecer – acentua Erasmo – que “os papas são, em primeiro lugar, homens”. E, tocando a corda mais sensível – representada, na cristandade, pelo espírito de cruzada contra os Turcos –, não hesita mesmo em condenar todas as acções militares a favor da cristianização dos infiéis. “Mal vai a religião cristã – afirma – se a sua salvação depende de tais remédios”. E, em jeito de director da consciência cristã, interroga:

Se queremos levar os Turcos a Cristo, não o façamos exibindo riquezas, nem tropas, nem forças. Que eles vejam em nós não apenas o nome mas também os distintivos certos dos cristãos: uma vida pura, o desejo de fazer o bem mesmo aos inimigos, o desprezo do dinheiro, o esquecimento da glória, o pouco valor dado à vida; que eles reconheçam a doutrina admirável que se contém numa existência assim. É com estas armas que submeteremos os Turcos.

Noutro ponto do seu libelo contra a guerra, chega mesmo a declarar: “Prefiro um verdadeiro Turco a um falso cristão”.

A terminar, Erasmo contrapõe ao belicismo de Júlio II o papel de pacificador que estaria reservado a Leão X, exortando o novo pontífice a seguir os exemplos de Salomão e de Cristo. Quem convive com os textos humanísticos, porém, não pode deixar de ver nos elogios prodigalizados a Leão X uma advertência a todos os sucessores da Barca de Pedro: “Que Júlio possua a glória da guerra, que ele fique com as suas vitórias, com os seus triunfos magníficos” – concede Erasmo, para logo se interrogar:

E quais são as actividades que convêm ao Papa? Não é a pessoas da minha estirpe que compete responder, mas sempre direi o seguinte: a glória deste vencedor, por brilhante que tenha sido, está ligada à perda de muitas vidas e a numerosos sofrimentos dos homens.

Discreto como sempre, Erasmo bem sabia, quando necessário, deixar cair o seu recado de paz.